

ÁLVARO CUNHAL

CENTENÁRIO

Exposição “Vida, Pensamento e Luta: Exemplo que se Projecta na Actualidade e no Futuro»

Afirmações de Álvaro Cunhal

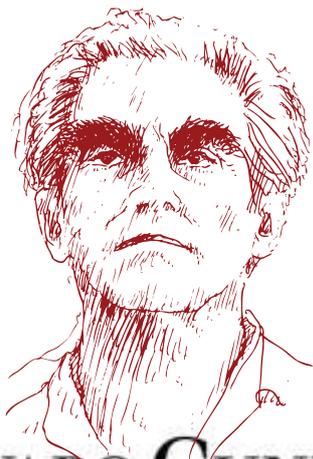
“A organização de uma luta pressupõe a existência anterior de uma organização política em condições de realizar aquela. Toda a luta política necessita de organização.... Unindo-se e lutando por objetivos concretos imediatos, sentidos por toda a classe, os trabalhadores ganham consciência, pelo próprio desenvolver da luta, de que o seu inimigo não é apenas o patrão individualmente considerado, mas a classe dos capitalistas e o Estado e o governo fascistas.

As greves operárias realizadas nos anos de 1943-1944-1945, mostraram pela sua intervenção e força organizada por iniciativa do Partido e por acção do Partido, ser a força de vanguarda, a força dinamizadora da luta antifascista, sobrepondo-se à hegemonia da luta antifascista até aí pertencente à burguesia liberal.

O Partido entendia que a luta antifascista tinha de ter uma base sólida de massas e que a classe operária desempenhava aí um papel determinante. Por isso, nas greves de 1943-1944 a Direção do Partido, concretamente o Secretariado do Partido, tomou nas suas mãos a direcção directa da greve....As greves de Julho/Agosto de 1943, foram as maiores greves organizadas nessa época.... Na sequência, criou-se um Conselho Nacional de Unidade Antifascista, um órgão antifascista largamente representativo, em grande parte por efeito do impacte das greves operárias dirigidas pelo Partido nessa época.

A utilização dos sindicatos fascistas por parte dos comunistas é um dos melhores exemplos no movimento comunista internacional. O trabalho de comunistas nos sindicatos fascistas, através das lutas com os trabalhadores, mobilizando as massas e conseguindo a sua confiança, levou à tomada da direcção de dezenas de Sindicatos Nacionais, sindicatos fascistas, resultando daqui a criação da Intersindical, em 1 de Outubro de 1970. “

(Do texto “Álvaro Cunhal A organização e a luta dos trabalhadores”, em “o militante n.º 325 de Julho/Agosto 2013”



ÁLVARO CUNHAL

CENTENÁRIO

Greve dos sapateiros 70.º Aniversário

Que relação com a greve do calçado em 1943?

Segundo o militante comunista, António Costa Santos, “a greve dos operários sapateiros que eclodiu no dia 5 de Agosto de 1943, foi uma consequência directa das greves levadas a cabo no mês de Maio desse ano em Lisboa e que tinham sido ferozmente reprimidas pela ditadura fascista de Salazar, em especial a PIDE.

A primeira direcção do sindicato calçado foi constituída por trabalhadores de S. João da Madeira, S. Roque e Nogueira do Cravo e era maioritária a presença de comunistas. Desde a sua fundação (1931), travou lutas sucessivas pela melhoria das condições de vida e de trabalho dos operários do sector. Foi no 1.º de Maio de 1943 que o Comité Regional do Norte (PCP), decidiu a greve em S. João da Madeira, também como forma de dar resposta ao anúncio da morte do PCP, pelo regime fascista...

O Comité Regional do Norte (do PCP) era composto por: Pedro – António da Costa Santos / Alberto – José Gregório / Gomes – Pires Jorge / Aurélio – José Martins / Rosa – Maria. Os responsáveis pela greve em S. João da Madeira foram: António Costa Santos, Augusto Costa Santos, Cândido dos Réis Nogueira e Alberto da Silva Lopes. Todos estavam ligados a outros trabalhadores das diversas unidades de produção...

Em 5 de Agosto, às 8 horas, o pessoal parou o trabalho ... da parte da tarde continuou nas ruas, de fábrica em fábrica, esclarecendo e incentivando à continuação da greve... Pelas sete horas da tarde, chegava a S. João da Madeira o subdiretor da PIDE, capitão António Cardoso dos Santos, a comandar uma brigada da PIDE; duas horas depois, chegava também uma Companhia de Infantaria do Regimento 24 de Aveiro. Nesse dia à noite, a PIDE fez dezenas de prisões. Os grevistas, escoltados pela PIDE foram levados para o Porto. S. João da Madeira foi, durante 2 meses, ocupada militarmente e mantida em estado de sítio!”